

Sol do pensamento

Platão aflora em Eutidemo, no diálogo com o irmão Dionisodoro, que a filosofia é o uso do saber em benefício do homem, o que implica, em primeiro plano, posse de conhecimento e, depois, o uso desse conhecimento em benefício do homem. Sem presença sofista, Immanuel Kant relaciona filosofia à sabedoria, mas através da ciência. Nietzsche, em *Ecce Homo*, aponta que a “filosofia é a vida voluntária no meio do gelo e nas altas montanhas- a procura de tudo o que é estranho e problemático na existência, de tudo o que até agora foi banido pela moral”. Em tempos diferentes, com espaços socioculturais, míticos e místicos conflitantes, esses personagens, e tantos outros filósofos e cientistas, se alinham quando o tema é a procura da felicidade, inclusive quando abordam os embates até niilistas que permeiam a existência humana.

O que o universo científico tem a oferecer à humanidade? Respostas. Para que e por quê? Felicidade. Dentro de um rito comum, insensado por turíbulos que apaziguam ou por dores profundas da dúvida a penetrar a carne, a ciência identifica o problema, apresenta experimentos e faz publicação de seus trabalhos, dando respostas à inquietação sempiterna da humanidade. Os pesquisadores, professores e acadêmicos visualizam uma verdade procurada, mas materializam a sabedoria conquistada através de conflitos, experimentos, perguntas e respostas, a partir da identificação de um problema. Assim, a Revista Unimontes Científica ocupa-se em apresentar estudos, pesquisas e conclusões para a construção do saber, dando respostas ou ampliando o desejo de seguir caminhando por várias trilhas do existir.

A Universidade Estadual de Montes Claros tem se dedicado para fortalecer a pesquisa, a discussão científica e a ampliação do corpo de mestres e doutores. Neste reitorado, foi possível a implantação de oito mestrados próprios, além de doutorados interinstitucionais, 200 projetos de pesquisa e pós-graduação, com 44 grupos e 156 linhas de pesquisa. É conhecimento disseminado, sabedoria vertida, verdade aplicada para que prevaleça o bem viver. Ícaro, filho de Dédalo, queria os céus e o sol. Suas asas de

cera e mitologia derreteram ao mesmo tempo em que evaporava seu sonho de voar na liberdade. Não por isso. Diante dos mitos, da ignorância e do impossível no até então da vida deles, por exemplo, Galileu e Da Vinci não desistiram de seus experimentos e também voaram nas teses de conquistas dos astros.

Hoje, o homem colhe benefícios com os voos globalizados e espaciais, apesar de o Enola Gay apocalíptico num dia/noite terrível ter parado sobre a cabeça de Hiroshima ou a despeito das guerras cirúrgicas no Iraque. Deve prevalecer a ciência construtora, inclusiva, benéfica, colocando pesquisadores de todas as linhas como árvore de bons frutos, perpetuando as obras. Percy Bisshe Shelley simboliza o inconstante e a transitoriedade do poder em *Ozymandias*, publicado em 1818. Descreve a descoberta de um viajante, que se depara com destroços de uma estátua de antigo faraó, em cuja base está explicitada a vaidade humana: Meu nome é Ozymandias, rei dos reis:/ Contemplem as minhas obras, ó poderosos, e desesperai-vos!/ Nada mais resta: em redor a decadência/ Daquele destroço colossal, sem limite e vazio/ As areias solitárias e planas espalham-se para longe. Na ciência o ontem sempre é ampliado no amanhã, como faz a tecelã que perpetua linhas, cordas e desenhos, partindo de uma tese até vislumbrar a obra, mesmo quando inacabada.

Perscrutar o horizonte e permitir-se agente de novo ideário que será agregado ao amanhecer que virá com outros agentes. Joseph Conrad, no vigoroso *O Coração das Trevas*, revela um jovem que procura entender a selva africana no século XIX: “penso que a selva lhe murmurou coisas a respeito dele próprio que ele não sabia; coisas que ele não tinha ideia até se aconselhar com aquela grande solidão”. Aí está a revista a Unimontes Científica a abrir lucernas para permitir que o sol do pensamento possa brilhar nos átrios existenciais, quebrando resistências, favorecendo ao pensamento. Não sendo presunçosa, como mostrou Shelley, ou murmurando, como propõe Conrad, mas abrindo um leque a propulsionar o futuro digno. Parabéns aos construtores do saber e do conhecimento aqui inclusos.